

Entrevista com Leila Míccolis

Concedida dia 19/08/2020

Vitória Santana*

Resumo: Leila Míccolis, doutora com pós-doutorado pela UFRJ, é uma importante escritora brasileira que, há anos, atua no mundo literário, escrevendo livros, poemas, novelas. A autora foi uma importante personagem na Poesia Marginal, a qual produzia um conteúdo subversivo que ia ao contrário do curso que a história brasileira estava traçando, utilizando a poesia como arma contra a repressão. Com isso, a entrevista realizada com Leila Míccolis teve como objetivo saber a experiência pessoal da autora enquanto uma escritora mulher em um momento de ditadura militar. Além disso, também foram abordados temas como o machismo, o assédio sofrido pelas mulheres e a internet enquanto uma facilitadora na difusão de novos poetas.

Palavras-chave: Ditadura; Leila Míccolis; Mulheres; Poema.

Abstract: Leila Míccolis, PhD with a postdoctoral degree from UFRJ, is an important Brazilian writer who, for years, has worked in the literary world, writing books, poems, novels. The author was an important character in Marginal Poetry, which produced a subversive content that went contrary to the course that Brazilian history was tracing, using poetry as a weapon against repression. An interview with Leila Míccolis aimed to find out the author's personal experience as a female writer at a time of military dictatorship. In addition, topics such as machismo, harassment suffered by women and the internet as a facilitator in the diffusion of new poets were also addressed.

Keywords: Dictatorship; Leila Míccolis; Women; Poem.

1) Como e quando você se percebeu uma escritora? O que te motivou?

LM – Desde que abandonei a advocacia após dez anos na profissão, a fim de ter tempo integral para me dedicar à literatura. Aí eu me levei a sério... Brincadeiras à parte, foi neste momento que eu percebi que não tinha outra saída senão seguir em frente. Quanto à segunda

parte da pergunta, meus pais me motivaram desde sempre, principalmente minha mãe, meu primeiro concurso literário foi aos dez anos e meu primeiro livro de poesia foi financiado por ela.

1) De que forma você descreveria a experiência de ser uma escritora mulher na época da ditadura?

LM – Muito mais importante do que essa colocação a meu ver foi o fato de eu ter coragem de escrever como eu escrevia, na década de 1970, mais precisamente em 1976, independente do regime vigente. Nesta época, a poesia da maioria quase absoluta das mulheres ainda estava presa a uma lírica romantizada, totalmente alheia à realidade social brasileira.

2) A ditadura militar afetou de alguma forma a sua escrita? O seu modo de escrever e de ser escritora?

LM – Não muito, porque o alvo de minha literatura sempre foi “ditaduras” outras, mais sutis, invisíveis, que começam dentro da família, passam de geração a geração, e têm a ver com as convenções e preconceitos inculcados por uma educação diferenciada e pela desigualdade social de gêneros; mas lógico que incluí mais esta ditadura a todas as outras já existentes, até porque o movimento da Sociedade Brasileira de Defesa da Tradição, Família e Propriedade – TFP – estava a mil naquele momento, o que era um perfeito TPF – tremendo prato feito – para mim, pois meu intuito principal sempre foi o de abordar a vida robotizada e automatizada das pessoas (mulheres e homens também); e em minha literatura estive sempre atenta e voltada à microfísica do poder, de qualquer tipo de poder repressor, coercitivo, e autoritário, em qualquer setor que abafasse grupos minoritários ou vozes estigmatizadas.

3) Como você se sente em relação ao reconhecimento dos homens e das mulheres no âmbito literário?

LM – De início foi muito difícil a relação com ambos os sexos porque a poesia escrita por mulheres era muito certinha, com raras e avulsas exceções, contida, cheia de algemas, pudores, mimimis e não-me-toques; não havia quem escrevesse sem rodeios, em um tom mais forte, mais impactante, com abordagens menos contemplativas, propondo uma reflexão e uma reavaliação de valores pré-formatados que lhes serviam de molde. Neste sentido, era realmente uma mudança radical, uma guinada de 360 graus. Então, fui muitíssimo atacada pela crítica especializada, pelos poetas que se sentiam horrorizados, pois só conviviam até então com ninfas, musas e divas etéreas do Olimpo, e até pelas próprias mulheres que tinham medo de sair de sua zona de conforto e viam publicamente nuas – afinal a poesia delas ainda se vestia de espartilhos e anquinhas (entendo que para elas também não era fácil abrir mão de suas ilusões). Porém a partir daí, a poesia feminina passou aos poucos a incorporar a coloquialidade, a informalidade, a ironia e a crítica em suas propostas estéticas. Hoje a poesia está menos alienada e mais empenhada em repensar verdades absolutas, inquestionáveis antes da Geração de 70. Lógico que nem tudo é um mar de rosas: até hoje há ainda muitas escritoras que se recusam a ser chamadas de poetisas, porque o substantivo no feminino passou a ter conotação pejorativa, por parte dos poetas mais conservadores.

4) Você acredita que a literatura era um espaço majoritariamente formado por homens?

LM – Não havia como não ser, as mulheres não eram criadas para se tornar escritoras e sim prendadas donas de casa e mães de muitos filhos. Essa era a única “função” delas até o início do século passado, algumas escritoras chegaram a utilizar pseudônimos para publicar livros e divulgar poemas em jornais, a fim de não envolverem ou comprometerem o sobrenome de família (Colombina, por exemplo). As mulheres só tinham direito a escrever diários. íntimos, secretos. Manifestar-se publicamente era um escândalo. Lembremos que no Brasil só em 1932 a mulher passou a votar e a ser considerada cidadã...

5) Em algum momento você se sentiu desmotivada a se tornar ou continuar como escritora por ser mulher?

LM – Nunca. Muito pelo contrário: foi um desafio que sempre fiz questão de encarar.

6) De suas produções, qual você acredita que te representa mais como autora?

LM – Não tenho nenhum livro predileto entre tantos que já publiquei. Mas o *Desfamiliares* (Annablume Editora, 2013), é o que mais me representa, sem dúvida, por reunir minha obra poética até o ano de 2012.

7) O que te motivou a escrever o poema Moda? De que forma você acredita que esse poema conversa com as situações vividas pelas mulheres?

LM – Meu intuito não era bem o de conversar... era mais de confrontar... risos. Este poema pertence à minha primeira fase, mais agressiva e menos humorada, e nele eu quis evidenciar a desigualdade social dos gêneros, através de certas situações que se tornam mais visíveis, e até risíveis, se as comparamos e as transpomos para o outro sexo. Nos dias de hoje, porém, acho este poema um tanto defasado, pois os homens já aderiram a vários estilos da moda feminina em suas roupas e em seus acessórios.

8) Como você se viu dentro da Poesia Marginal? O que ela representou para você naquela época?

LM – Acho que a cronologia está invertida: a categorização surgiu depois do aparecimento

da nossa atuação e não antes. Éramos poetas e ponto e pronto, mesmo que quisessem nos amarrar dentro da camisa de força das justificativas teóricas. Nenhum de nós estava muito interessado nesta tal de Poesia Marginal, que aliás era muitíssimo malvista, porque incomodava bastante. Ela só começou a ter mais respeitabilidade e alguma credibilidade com a antologia dos *26 Poetas Hoje*, organizada pela Heloisa Buarque de Holanda, em 1976, e com o livro do Carlos Alberto Messeder Pereira, *Retrato de Época*, de 1981. Meu poema *Moda*, que você mencionou acima, foi um dos selecionados pela Heloísa e consta do *26 Poetas*. Então, repito, foram os poetas que chegaram primeiro e que tiveram de se sujeitar, a contragosto, ao rótulo que apareceu posteriormente, quando passou a ser impossível nos ignorarem. Então, nos etiquetaram com uma expressão ambígua e duvidosa, porque ninguém pensava que marginal se referisse a uma forma de editoração à margem das grandes editoras; o público em geral, já bastante avesso ao nosso modo de escrever, associava “marginais” aos próprios poetas... Tipo *Poetas Malditos*, malditos poetas... ☺

9) Para você, qual foi a contribuição das mulheres na Poesia Marginal?

LM – Acho que me antecipei e respondi a esta sua pergunta no começo, mas vou complementá-la de forma mais resumidamente possível (este assunto daria um livro, que aliás foi o foco central do meu ensaio de Pós-Doutorado na UFRJ): trouxemos a poesia das mulheres até então visivelmente atrelada a um romantismo do século XVIII para o nosso século; inauguramos uma poesia essencialmente brasileira, sem vínculos com as vanguardas europeias; introduzimos na poesia uma literariedade que perdura até hoje (elementos como informalidade, ironia crítica, desconstrução de um discurso autoritário, etc.); abrimos o leque temático, propiciando uma reflexão de questões paralelas; mudamos a perspectiva do conceito de belo na poesia, adicionando dimensões sociais; e transformamos também o olhar das mulheres que passaram a ter mais consciência e uma atitude comportamental diferente. Há muito mais contribuições, em resumo, porém, acho que fizemos bem o nosso dever de casa, contribuindo bastante com nossa literatura para uma vida menos opressora e mais libertária.

**10) Você acredita que atualmente a entrada da mulher na poesia está mais fácil?
Você acha que a internet é um facilitador para isso?**

LM – É, mais fácil está, com toda certeza. E eu acho ótimo, porque todo processo criativo, seja ele qual for (afinal ninguém nasce sabendo) é capaz de induzir ao autoconhecimento, à autocrítica, à clareza maior de ideias. À estruturas mais profundas em substituição, a achismos superficiais (e tantas vezes absurdos), ao desenvolvimento de potencialidades sensoriais e cognitivas. A meu ver, porém, o ideal é que as mulheres não escrevam apenas com o intuito de se autopromoverem ou de se desprezirem. O *online* é uma mídia que tem linguagem própria e é dirigida a um público afeito à rapidez de leitura, interações e interconexões e debates. O que eu quero dizer é que a Web e as redes sociais não são apenas vitrines para divulgação de livros ou de poemas avulsos; somente escrever já não nos basta mais neste contexto, precisamos ampliar nossos aprendizados e enveredar por novos saberes e sabores, para não sermos apenas mais um blog individual e sem abrangência em meio a este vasto universo virtual, Na era tecnológica há que estarmos mais voltados a estratégias de marketing do que a intrigas da corte...

(*) Entrevista concedida a Vitória Santana, em 19/8/2020, Cândido Mota/SP

Leila Mícolis

Doutora e com Pós-doutorado em Teoria Literária (UFRJ), escritora de livros, TV, teatro e cinema

Moda

Eu queria te ver,
coxas de fora,
(como de fora vejo seus pelos do peito
pela camisa de seda),
a andares na rua,
entre assobios e apalpadelas,
o olhar disperso
como quem nada percebe,
e mostrando ao sentares,
subindo-te a roupa,
a cueca combinando com a gravata.

Leila Miccolis (MICCOLIS in CAMPEDELLI; p.70. 1995).